

## A CASA

Fernando Guimarães

- 1 O velino da casa, aonde os dedos se abriram e contornam a brancura capaz de ser o indício, a margem simples do regresso, se apenas com os gestos

da noite se sustenta esta candeia e vemos o que foi o claro centro em que começa a vida iluminada entre rebanhos cuja transparência

da pele se transforma no sentido com que lemos, ausentes, neste espaço talvez outro segredo, agora unido

à casa, que nos olhos se igualava à mesma superfície, para ser o que se torna em nós centro e distância.

- 2 As aves — como o espaço da razão — ao traçarem um sulco que as entrega ao saber, quando fulja em tudo o brilho dum aro quase inscrito nesse aceno

se das chamas se eleva a casa — as aves consumidas, as cinzas que despertam ao longe — e assim se torne tão antiga, tão íntima (pensamento a que regressa)

para conter o início de outro voo com um desígnio calmo, o mesmo afago de pedra ou a textura que se afunda na terra, para o centro, e ali procure

as feições só da noite, o sonho exacto; — e a casa construída era esse acto.

